

O novo arrabalde

AS 11. 113

João Gualberto



Acaba de ser publicado, pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo da Prefeitura de Vitória, o livro do professor Carlos Teixeira de Campos Júnior, intitulado "O Novo Arrabalde".

Estão de parabéns aqueles que decidiram pela publicação deste importante trabalho, pelo que ele agrega de informações importantes e análises finas sobre a história de nossa cidade e de nosso Estado. Não é todo dia que se encontra trabalho desta envergadura. Nossa memória, tão pouco conservada, necessita de colaborações de fôlego como a do professor Teixeira.

Trata-se, na verdade, da publicação para um público mais ampliado da dissertação de mestrado apresentada em 1985 à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo pelo autor. Foi ainda na sua forma acadêmica que li o trabalho há alguns anos, quando levantava informações para a compreensão do fenômeno do coronelismo no Espírito Santo. Sua utilidade no contexto do meu trabalho foi muito grande, isto porque Teixeira conseguiu reunir um enorme conjunto de dados sobre nossa formação, interpretando-os de forma correta, tudo isto num texto leve e bem-estruturado. Portanto, de leitura gostosa, além de informativa.

O foco central do trabalho são as transformações urbanas que Vitória sofreu a partir da concepção, no Governo de Muniz Freire (1982-1896), de um projeto de expansão da cidade. Como muito bem explica Teixeira, tratava-se de empreendimento do Governo do Estado. Muniz Freire mandou elaborar, o que foi feito pelo sanitarista Saturnino de Brito, um projeto de loteamento no lado leste da Ilha de Vitória, na região das praias que compreendia uma área 6 vezes maior que a do sítio da Capital. Posteriormente colocou os lotes à venda. Teixeira registra também que na administração de Jerônimo Monteiro (1908-1912)

foi a vez do parcelamento da área do Campinho – hoje o Parque Moscoso – e da construção e venda de casas pelo poder público a seus funcionários, numa atividade até certo ponto inédita no país. Obviamente

que a concepção do Novo Arrabalde é muito mais significativa do ponto de vista urbano para a cidade de Vitória do que o projeto de Jerônimo Monteiro, tanto é assim que Teixeira centra seu trabalho nele. Somente o fato do novo loteamento ter uma área 6 vezes superior à da ocupação existente na Capital e a consequente importância que teve na formação do espaço urbano de Vitória, atualmente, mereceriam o

destaque. A fora o fato de ser guardado até hoje, nos bairros que tiveram origem a partir da área do Novo Arrabalde, todo o traçado do projeto elaborado em 1895.

“Não é todo dia que se encontra trabalho dessa envergadura”

Mas, merece destaque o grau de particularidade capixaba nessas iniciativas governamentais. Isto porque em outros Estados da federação este tipo de atividade era comumente desenvolvida pela iniciativa privada, como muito bem demonstram os exemplos de São Paulo. No Espírito

Santo, entretanto, tiveram o patrocínio dos Governos estaduais. Talvez demonstrem o nível de compreensão e a visão de futuro que nossas elites tiveram no passado so-

bre o nosso Estado. No caso específico, todo o esforço em adaptar Vitória à proposta de centralizar na Capital o comércio do café do Espírito Santo e de parte de Minas Gerais, torná-la o grande centro comercial do Estado e concentrar nela o comércio, era a meta. Por tratar-se de políticos oligárquicos e extremamente vinculados a uma certa lógica política, estruturada no coronelismo, a visão social era muito empobrecida. Entretanto isto não afasta o mérito de pensar o futuro, coisa que infelizmente não tem mais acontecido entre nós.

Muniz Freire, com a primeira intervenção planejada no espaço urbano de Vitória, fez emergir uma perspectiva mais ampla do próprio Governo, que pretendia transformar a Capital capixaba num grande centro populoso e comercial. Esta pretensão esteve articulada com outras medidas, tais como a construção de um ramal ferroviário ligando Vitória a Cachoeiro do Itapemirim. Esta ligação visava não só capturar a produção cafeeira do sul, dirigindo-a para Vitória, como também estabelecer ligação ferroviária direta entre a Capital capixaba e o Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que cogitava-se estabelecer a ligação ferroviária entre o Espírito Santo e Minas Gerais.

Outro elemento importante neste projeto de transformação de Vitória no centro efetivo da vida política e econômica do Espírito Santo era o papel central a ser desempenhado pelo Porto de Vitória. Porto que foi aliás objeto de estudo pela também professora da Ufes Maria da Penha Siqueira, cujos trabalho já estão publicados e merecem ser conhecidos. O porto no fundo é que viabilizou todo este projeto, pela sua capacidade de expansão comercial.

O esforço de Teixeira em desvendar as origens da cidade em que hoje vivemos é brilhante. No fundo o nosso presente de cidade predominantemente portuária e no centro de uma economia voltada para a exportação é a concretização de sonhos acalentados no século passado. São esses sonhos, hoje tão raros, que se constroem uma sociedade.

João Gualberto é diretor da Futura – Instituto de Pesquisa e professor da Ufes.

